

A não ratificação de pessoas autistas para a manutenção do capitalismo: um estudo discursivo-crítico

The non-ratification of autistic people to maintain the capitalism: a critical-discourse study

La no ratificación de personas autistas para la manutención del capitalismo: un estudio discursivo-crítico



Alex Bezerra Leitão

Filiação do autor: Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

E-mail: alexb.leitao@gmail.com)

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o modo como o capacitismo tem sido usado como estratégia linguístico-discursiva de não-ratificação de pessoas autistas, favorecendo a manutenção do capitalismo. Para tanto, orientado por Fairclough (2003; 2001[1992]), em relação à Análise de Discurso Crítica, e por Halliday e Matthiessen (2014), à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, investigo a interrelação entre a análise linguística e a crítica social, no âmbito da pesquisa qualitativa interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006 [2003]). Os resultados apontam que há uma ordem de discurso que relaciona identidades, que promove a troca interpessoal e que organiza o capacitismo para legitimar projetos neoliberais.

Palavras-chave: Capacitismo. Autismo. Capitalismo. Análise de Discurso Crítica. Linguística Sistêmico-Funcional.

Abstract: This article aims to analyze the way in which the capacitism has been used as a linguistic-discursive strategy for the non-ratification of autistic people, in order to maintain the capitalism. Therefore, oriented

by Fairclough (2003; 2001 [1992]), in relation to Critical Discourse Analysis, and by Halliday and Matthiessen (2014), in the light of Systemic-Functional Linguistics, I investigate the interrelationship between linguistic analysis and social criticism, in the scope of a qualitative and a interpretative research (DENZIN; LINCOLN, 2006 [2003]). The results show that there is an order of discourse that relates identities, that promotes interpersonal exchange and that organizes the capacitism to legitimize neoliberal projects.

Keywords: Capacitism. Autism. Capitalism. Critical Discourse Analysis. Systemic-Functional Linguistics.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el modo como se ha utilizado el capacitismo como estrategia lingüístico-discursiva para la no ratificación de personas autistas, favoreciendo el mantenimiento del capitalismo. Pora eso, guiado por Fairclough (2003; 2001 [1992]), en relación al Análisis Crítico del Discurso, y por Halliday y Matthiessen (2014), a la luz de la Lingüística Sistémico-Funcional, investigo la interrelación entre el análisis lingüístico y la crítica social, en el ámbito de la investigación interpretativa cualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006 [2003]). Los resultados muestran que existe un orden de discurso que relaciona identidades, que promueve el intercambio interpersonal y que organiza el capacitismo para legitimar proyectos neoliberales.

Palabras clave: Capacitismo. Autismo. Capitalismo. Análisis crítico del discurso. Lingüística Sistémico-Funcional.

Submetido em 26 de agosto de 2021.

Aceito em 26 de novembro de 2021.

Publicado em 16 de março de 2022.

Introdução

“Quando os *haters* vão atrás de sua aparência e diferenças, isso significa que eles não têm para onde ir. E então você sabe que está ganhando!” É nesse tom que Greta Thunberg – ativista ambiental sueca e autista de 16 anos – rebateu, em 31 de agosto de 2019, por meio da sua conta no *Twitter*, às críticas que lhe foram impostas pelo fato de ela ser uma pessoa autista que lidera jovens de todo o mundo contra as alterações climáticas. Sentindo-se ameaçados/as pela repercussão do discurso de Greta que ocorreria no dia 23 de setembro de 2019 na Cúpula do Clima na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, empresários/as, *haters*, políticos e, conseqüentemente, empresas midiáticas destinaram diversos ataques ao empreendimento da ativista Thunberg.

No Brasil, os ataques a Greta Thunberg foram intensos durante o calor da Cúpula do Clima na ONU. Para citar algumas dessas ofensivas, destaco: i) o deputado federal Eduardo Bolsonaro publicou uma foto da ativista fazendo refeição dentro de um trem, em sua conta no *Twitter*, no dia 25 de setembro, enquanto crianças africanas olhavam de fora, o que foi prontamente desvelado como *fakenews*; ii) o radialista Rodrigo Constantino chamou Thunberg de “mascote da esquerda-caviar e uma retardada que tem síndrome do autismo”, no dia 25 de setembro, durante o programa “3 em 1” da rádio Jovem Pan; iii) o músico Roger Rocha Moreira, do grupo Ultraje a Rigor, compartilhou em sua conta do *Twitter*, no dia 25 de setembro, imagem que sexualiza Greta e que debocha do engajamento da ativista; iv) o jornalista e advogado Gustavo Negreiros disse, no dia 23 de setembro, pela rádio 96 FM, que Greta estava “precisando de sexo por ser mal-amada”, v) o jornal *Estadão*, em 31 de agosto, publicou um artigo de opinião da jornalista Sheila Leiner, cujo título é “As trancinhas teleguiadas do ‘produto’ Greta Thunberg”, em que tece críticas ao protagonismo de Thunberg.

¹ Tradução de: “When haters go after your looks and differences, it means they have nowhere left to go. And then you know you’re winning!”.

Os poucos exemplos citados fazem parte da conjuntura, entendida por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 22) como “conjunto relativamente estável de pessoas, materiais, tecnologias e práticas – em seu aspecto de permanência relativa – em torno de projetos sociais específicos”, que mobiliza discursos ideológicos que, além de visarem ao atendimento de projetos político-econômicos a favor da manutenção do capitalismo, utilizam do capacitismo como estratégia para a não-ratificação de pessoas autistas. Por capacitismo, cabe destacar que compartilho da ideia de Mello (2014, p. 56), uma vez que o termo se refere à “*capacidade de ser e fazer* o que é reiteradamente negada às pessoas com deficiência em diversas esferas sociais” (itálico da autora). Isto é, os ataques direcionados a Greta fazem parte de um projeto que está disposto a utilizar da deficiência da ativista, do fato de ela ser adolescente menor de 18 anos, além de ser do sexo feminino, para a manutenção de interesses do lucro, ainda que para isso seja necessário deslegitimar seu lugar de fala que, no entendimento de Ribeiro (2017, p. 64), “não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”.

Tendo em vista esse panorama, este artigo tem como objetivo analisar o modo como o capacitismo tem sido usado como estratégia linguístico-discursiva de não-ratificação de pessoas autistas, a fim de atender a projetos político-econômicos a favor da manutenção do capital (lucro). Para tanto, por meio do artigo de opinião publicado em 31 de agosto de 2019 pelo jornal *Estadão*, cujo título é “As trancinhas teleguiadas do ‘produto’ Greta Thunberg”, investigo como esse texto se aproveita de uma deficiência e de uma condição neurodiversa para tentar silenciar a liderança de uma pessoa autista (Thunberg), dando continuidade à exploração geopolítica do meio ambiente.

Este artigo, comprometido com o debate de relações entre discurso e abuso de poder, inscreve-se nos estudos da Análise de Discurso Crítica (ADC) que, segundo Resende (2000, p. 571), “não constitui uma teoria ou um método para o estudo crítico da linguagem na sociedade, mas um corpo heterogêneo de abordagens”. Para tanto, este estudo ancora-se em pressupostos da Linguística

Sistêmico-Funcional (LSF) e da ADC com o intuito de apresentar análise por meio da relação dialética entre a linguística e o social. Assim, na seção 1 deste estudo, reflito sobre tensões textuais em ADC, coadunando-as com o texto em análise. Na seção 2, discuto dimensões semióticas do texto, permeadas por contextos e por metafunções da linguagem, à luz da LSF. Na seção 3, exponho encaminhamentos metodológicos deste estudo qualitativo interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2006 [2003]). Por fim, na seção 4, apresento princípios e projeções analíticas por meio da descrição dos sistemas da Transitividade, de MODO e de Tema, orientado pela Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) revisitada por Halliday e Matthiessen (2014), com o intuito de analisar o discurso como momento da prática social (FAIRCLOUGH, 2003).

Tensões textuais em ADC: o caso do ativismo de Greta Thunberg

A ADC, como explicam Batista Júnior, Sato e Melo (2018, p. 8), está relacionada ao estudo da linguagem em uso, “entendido como as ações que produzimos com os textos no interior das atividades sociais”. Tendo como objetivo investigar tensões que caracterizam processos de produção, de circulação e de distribuição de textos que impõem assimetrias legitimadas, naturalizadas e mantidas pelo discurso, o texto torna-se, portanto, a unidade mínima de análise em ADC.

A unidade mínima de análise deste artigo é o texto publicado em 31 de agosto de 2019 pelo jornal *Estadão*, cujo título é “As trancinhas teleguiadas do ‘produto’ Greta Thunberg”. Cabe salientar que esse texto, apesar de ter sido produzido pela jornalista Sheila Leirner, foi aceito e publicado pelo jornal *Estadão*, o que significa que foi aprovado pela equipe editorial do periódico. Desse modo, o evento social, entendido por Fairclough (2003, p. 16) “como elementos concretos do texto”, passa por uma rede de governança

institucional (o jornal *Estadão*), que regula e organiza a entrada de elementos concretos no periódico, coincidindo com a ideia de Foucault (1996 [1971], p. 8) de que “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Cabe destacar que a materialidade do evento social (FAIRCLOUGH, 2003), publicado pelo jornal *Estadão*, teve circulação em todo o Brasil, uma vez que o periódico é um veículo de grande abrangência em todo o território nacional. De forma impressa e eletrônica, o artigo de opinião foi (re)distribuído e, no calor das discussões sobre o possível discurso de Greta Thunberg na ONU, que seria realizado no mês seguinte, fez um paralelo entre ações do ativismo de Greta e o fato de ela ser autista. Isso posto, são desenvolvidas atividades de circulação midiática em dois sentidos: i) distribuição desse evento social, a fim de consolidar a ideia de que não devemos levar a sério o que pessoas autistas falam e ii) reconhecimento de que o autismo tem sido colocado a serviço do anticapitalismo e da esquerda. Por meio do desenvolvimento dessas atividades, o texto torna-se, portanto, parte do campo social que entende que pessoas autistas são incapazes, podendo ser usadas como peças de manobra para atender a grupos não favoráveis com o desenvolvimento econômico.

A circulação desse evento social envolve grupos que entendem que a energia do meio ambiente é renovável e que podemos nos beneficiar dela para manter o sistema capitalista, além de enquadrar o ativismo de Greta Thunberg como incentivo ao desperdício de dinheiro público e à imposição de uma espécie de “ditadura verde”. Com o propósito discursivo de enfraquecer ações da ativista em prol de benefícios de nações capitalistas, o texto é produzido em torno de interesses geopolíticos que visam ao lucro. Esses interesses nos apresentam, no que tange a conjunturas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), um caráter hegemônico

em relação a práticas sociais que buscam silenciar o lugar de fala de uma pessoa autista, que também é jovem e do sexo feminino.

Essas práticas sociais, que segundo Fairclough (2003, p. 24) são entidades organizacionais (discursos, gêneros e estilos) de um ordenamento linguístico específico (ordens do discurso), estão associadas a uma rede de eventos sociais que entendem que o capital financeiro deve ditar a forma como agimos e interagimos no mundo, de modo a exercer “uma espécie de pressão e de poder de coerção” (FOUCAULT, 1996 [1971, p. 18]) sobre aquelas pessoas que se posicionem de forma contrária. Cabe ressaltar que a tentativa desse poder de silenciar Greta Thunberg tem como alicerce a projeção do fascismo, tendo em vista que há a intenção de cercar a liberdade de expressão da ativista que advoga contra alterações climáticas, contra o desmatamento e contra o poder hegemônico capitalista. Na esteira dessas práticas sociais, destaca-se o gênero discursivo, entendido por Bakhtin (2010 [1992]) como enunciado relativamente estável, que no evento social mencionado é classificado como artigo de opinião, apresentando, conseqüentemente, tecnologias discursivas de persuasão.

Como já mencionado, o evento social ao qual esse texto se inscreve associa o campo social a práticas neoliberais de exploração geopolítica do meio ambiente. Para tanto, a ordem de discurso, que de acordo com Fairclough (2001, p. 183) refere-se a “um particular ordenamento social das relações entre as diferentes formas de gerar significado, ou seja, de produzir discursos e variedades discursivas”, estabelece uma relação de aproximação, por meio desse texto, com práticas sociais que entendem que é necessário cultivar, produzir e distribuir discursos que estejam em conformidade com projetos político-econômicos a favor do empresariado capitalista, ainda que, para isso, seja necessário deslegitimar vozes de pessoas autistas, como é o caso da ativista Greta Thunberg.

Assim, como a ordem do discurso da prática social mencionada ancora-se no gênero discursivo artigo de opinião, cabe-nos tecer algumas considerações sobre escolhas que o sistema linguístico disponibiliza, levando em consideração os significados que

advêm do modo relativamente estável de representar, de inter(a-gir) e de ser (FAIRCLOUGH, 2003, p. 29). Isso posto, ancorado no encaminhamento de Halliday e Matthiessen (2014, p. 603) de que “a lexicogramática se aproxima de forma natural, não arbitrária e não convencional da semântica”, tendo em vista que textos são constituídos por escolhas de elementos que se materializam em orações, há dimensões semióticas do texto e do contexto que se projetam para a análise do campo social.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 20), as dimensões semióticas do texto falado ou escrito podem ser estudadas a partir de “sistemas que compartilham certos recursos com a linguagem”, sendo influenciados pelos contextos de cultura e situacional. Sobre o contexto de cultura, Butt *et al.* (2000, p. 3) explicam que está relacionado ao contexto externo ao texto, sendo considerado como a soma de todos os significados sociais possíveis. Já o contexto situado refere-se a lugares específicos onde textos escritos e falados se materializam. Butt *et al.* (2000, p. 5) explicam que os parâmetros de campo (o que supostamente deve ser falado ou escrito), de *tenor* (a relação entre o/a ouvinte e o/a falante ou entre o/a escritor/a e o/a leitor/a) e de modo (gênero textual) afetam escolhas na língua, estando relacionados a três (meta)funções da linguagem (ideacional, interpessoal e textual).

Essas metafunções advindas dos estudos da GSF coincidem, de acordo com Fairclough (2003, p. 27), com a ordem de discurso instanciada em práticas sociais. Nesse sentido, para a compreensão do discurso como momento da prática social, Fairclough (2003, p. 29) propõe que três significados dialético-relacionais sejam analisados: o representacional, o acional e o identificacional. Esses significados coincidem, respectivamente, com as metafunções ideacional, interpessoal e textual hallidayanas, de modo que o estudo separado dessas metafunções cumpre protocolo didático para a “análise da linguagem como algo configurado (inclusive em sua gramática) pelas funções sociais às quais acabou servindo” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 186). Antes de apresentar pressupostos dessas metafunções, seguidos de exemplos e de projeções analíti-

co-discursivas do evento social (FAIRCLOUGH, 2003) mencionado, na próxima seção teço algumas considerações metodológicas.

Encaminhamentos metodológicos

Para a geração de dados deste artigo, amparado no paradigma da pesquisa qualitativa interpretativista, que segundo Denzin e Lincoln (2006 [2003], p. 291) supõe que “o significado da experiência humana nunca possa ser plenamente revelado”, também adoto a perspectiva crítica, que, ainda segundo os autores (2006 [2003], p. 291), “oferece uma metodologia para despertar uma consciência crítica através da análise de temas gerativos da atualidade”. Como já explicitado, a análise interpretativa e crítica têm como *corpus* um artigo de opinião publicado em 31 de agosto de 2019 pelo jornal *Estadão*, cujo título é “As trancinhas teleguiadas do ‘produto’ Greta Thunberg”.

Como este artigo se inscreve na perspectiva teórico-metodológica entre a ADC e a LSF, cuja “análise linguística e crítica social devem, necessariamente, estar interrelacionadas: a análise linguística alimenta a crítica social, e a crítica social justifica a análise linguística” (RAMALHO, RESENDE, 2011, p. 21), adoto a proposta de Fairclough (2001 [1992], p. 82) em relação à ADTO, tendo em vista que instâncias concretas do discurso estão “sujeitas não apenas às formas linguísticas de análise textual, mas à análise em três dimensões: análise do texto, análise dos processos discursivos de produção e interpretação textual”. Cabe ressaltar que, ao assumir a ADTO, há impactos metodológicos, uma vez que ela, segundo Fairclough (2001 [1992, p. 48]) “difere de outras abordagens na atenção que dedica à gramática e ao vocabulário do texto”.

Nesse sentido, para a análise das práticas sociais, o método em ADC, tomando como base a LSF, ao compreender o discurso como momento da prática social, tem como objetivo investigar a relação dialética entre os significados acional, representacional e

identificacional, de acordo com Fairclough (2003, p. 29). Ainda segundo o autor (2003), esses significados estão relacionados, respectivamente, aos modos relativamente estáveis de inter(agir) (gêneros), de representar (discursos) e de ser (estilos, identidades). Lira e Alves (2018, p. 115) apontam que esses significados da prática social convergem com “a articulação lógica entre as orações no significado acional; os processos de transitividade no significado representacional; e a modalidade no significado identificacional”, em conformidade com pressupostos da GSF revisitada por Halliday e Matthiessen (2014).

Para extrair significados acional, representacional e identificacional, realizei a descrição dos constituintes do *corpus* mencionado dos sistemas da Transitividade, de MODO e de Tema de orações simples e complexas (orações coordenadas e oração principal dos complexos de subordinação), orientado por Halliday e Matthiessen (2014), por Fuzer e Cabral (2014), por Eggins (2004), por Butt *et al.* (2000) e por Thompson (2014). Isso posto, na próxima seção, adentro em pressupostos do referencial teórico proposto pela GSF, além de exemplos do *corpus* em análise, a fim de encaminhar discussões gramaticais que se projetam para a análise crítica e social.

Entre pontos: da análise linguística à projeção analítico-discursiva

A metafunção ideacional em significados representacionais

A representação da experiência e a lógica de significados, segundo Eggins (2004, p. 206), está relacionada à metafunção ideacional da linguagem, cujos aspectos léxico-gramaticais da transitividade se instanciam por meio da linguagem, coincidindo com o modo como significados relativamente estáveis representam discursos, na ótica de Fairclough (2003, p. 135), que são apresentados por meio de “três tipos de elementos: Processos, Participantes e Circunstâncias”. No sistema da Transitividade, Participantes e Cir-

cunstâncias se relacionam com seis tipos de processos: Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Comportamentais e Existenciais. A seguir, são apresentadas configurações léxico-gramaticais apenas de quatro desses processos, já que foram os únicos que apareceram no artigo de opinião em análise.

De acordo com Butt *et al.* (2000, p. 53), “**Processos Materiais** constroem o [domínio do] fazer”, sendo definidos por Fuzer e Cabral (2014, p. 46) como “orações de ‘fazer e acontecer’, porque estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos”. Os participantes potenciais dos Processos Materiais são: Ator (participante que investe energia e provoca o desenrolar do processo), Meta (participante que tem alguma de suas características criada ou alterada pelo processo) e Beneficiário (participante que se beneficia de um processo). Vamos a um exemplo a partir do texto em análise, a fim de identificarmos essas configurações léxico-gramaticais: *Essa esquerda, e paradoxalmente a extrema direita, os anarquistas [...] (Ator) querem impor (Processo Material criativo) agora uma agenda liberticida (Meta) em nove dos “bons sentimentos” (Beneficiário).*

Antes de passarmos ao próximo processo do sistema da Transitividade, destaco, ainda, que as **circunstâncias**, entendidas por Butt *et al.* (2000, p. 64) como constituintes (informações circunstanciais) que auxiliam e que iluminam o processo da transitividade, costumam fazer parte de orações. Essas circunstâncias, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 313), podem indicar modo, localização, causa, extensão, contingência, acompanhamento, papel, assunto ou ângulo. Segue exemplo a partir do texto em análise: *Como veremos abaixo (Circunstância de localização – lugar).*

Os **Processos Mentais**, segundo Eggins (2004, p. 225), decodificam significados do pensar e do fazer em relação a pensamentos, sentimentos e percepções. Halliday e Matthiessen (2014, p. 355) dividem o Processo Mental em quatro tipos: cognitivo, emotivo (afetivo), perceptivo e desiderativo. Os participantes dos Processos Mentais são aqueles que sentem, pensam, percebem e desejam, sendo denominados Experienciador, e o complemento

desse processo, Fenômeno, como podemos observar no exemplo que segue: *A menina Greta Thunberg (Fenômeno) sempre me (Experienciador) irritou (Processo Mental emotivo) além da conta (Circunstância de acompanhamento – adição)*. Fuzer e Cabral (2014, p. 55) explicam que os Processos Mentais podem projetar orações, como podemos observar em: *(eu) Experienciador concluí (Processo Mental cognitivo) que Greta Thunberg é uma vítima vergonhosa e covardemente manipulada (Oração projetada)*.

Os **Processos Relacionais**, como explicam Butt *et al.* (2000, p. 58), “relacionam um participante à sua identidade ou à sua descrição”. De acordo com Fuzer e Cabral (2014), as orações relacionais podem ser: atributivas ou identificativas. Halliday e Matthiessen (2014, p. 673) classificam as orações relacionais em: i) intensivas, que caracterizam uma entidade; ii) possessivas, cuja posse relaciona as entidades; e iii) circunstanciais, em que há relação de tempo, modo, lugar, causa, acompanhamento, papel, ângulo e assunto. Seguem exemplos a partir do texto em análise: *Greta Thunberg (Portador) é (Processo Relacional intensivo) manipulável (Atributo); Tudo (Possuidor) tem (Processo Relacional possessivo) limite (Possuído); (eu) (Experienciador) Levei (Processo Relacional circunstancial) algum tempo (Atributo Circunstancial – tempo) observando*.

Sobre os **Processos Verbais**, Eggins (2004, p. 225) explica que são ações do dizer e de seus sinônimos, como questionar, responder, relatar *etc.* Os participantes dos Processos Verbais **são: Dizente (falante** ou escritor/a), Verbiagem (o que é dito), Receptor (a quem é dirigida a mensagem) e Alvo (atingida pelo processo do dizer). Alguns desses participantes constam no exemplo a seguir: *Os filósofos Pascal Bruckner e Michel Onfray, entre outros, (Dizente) apontam (Processo Verbal) as contradições deste fenômeno (Verbiagem)*.

Projeção analítico-discursiva do significado representacional

A partir da descrição dos constituintes do sistema da Transitividade, das 48 orações do artigo de opinião do jornal *Estadão* em

análise, 47% são de Processos Relacionais (23 ocorrências), 25% são de Processos Mentais (12 ocorrências), 18% são de Processos Verbais (9 ocorrências) e 10% são de Processos Materiais (5 ocorrências). Como podemos observar, o número de ocorrências do Processo Relacional é consideravelmente superior às ocorrências dos outros processos. Por conseguinte, tendo em vista a relativa estabilidade do gênero discursivo artigo de opinião, a produtora (a jornalista Sheila Leirner, tendo o crivo institucional do veículo midiático jornal *Estadão*) do evento social (FAIRCLOUGH, 2003) em análise, dá preferência a Processos Relacionais que decodificam significados do ser (significado identificacional), com o intuito de relacionar “um participante à sua identidade ou à sua descrição” (BUTT *et al.*, 200, p. 58).

Essa prevalência de Processos Relacionais no gênero discursivo situado ratifica práticas discursivas que, preferencialmente, identificam e descrevem quem é a ativista autista Greta Thunberg, como podemos observar, para citar alguns exemplos, nas orações Relacionais a seguir: *Greta Thunberg é manipulável*; [Greta] *virou um estandarte da extrema esquerda anticapitalista e outros radicais*. Cabe ainda destacar que dos 23 Processos Relacionais que aparecem no texto, 16 são Processos Relacionais atributivos, sendo que há 11 participantes como Atributos que expressam qualidades/características e 5 que exercem a função de Atributo como entidade, o que nos revela a inscrição subjetiva da escritora em um gênero discursivo (artigo de opinião) que lhe permite escolher, atribuir e relacionar, preferencialmente, características e qualidades capacitistas a participantes tidos como Portadores desse processo da Transitividade.

Sobre os Processos Verbais, cabe ainda destacar que, das 9 ocorrências no texto, 6 nos trazem Citações, nas quais há a inclusão de vozes que comungam com o projeto político-econômico neoliberal que visa à exploração do meio ambiente e com a ideia de que Greta Thunberg é incapaz de ser protagonista e líder devido à sua condição neurodiversa, entre as quais destaco os seguintes Dizentes: ‘Os filósofos Pascal Bruckner e Michel Onfray, entre

outros', 'Laurent Alexandre, brilhante médico, cirurgião e dentista, cientista político' e a 'imprensa francesa'. Ao escolher essas vozes hegemônicas, por meio da intertextualidade, que corresponde à "presença de elementos de outros textos dentro de um texto – citações" (FAIRCLOUGH, 2003), a produtora exclui, respectivamente, vozes do ativismo meio ambiental e do protagonismo autista, distribuindo significados representacionais de uma ordem de discurso que, além de colaborar com a manutenção de projetos neoliberais, favorece a reificação de estruturas sociais capacitistas.

A metafunção interpessoal em significados acionais

O significado da troca interpessoal, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 134), ocorre no sistema léxico-gramatical do MODO, envolvendo o/a falante (entendido também como escritor/a) e a audiência. Os autores (2014, p. 134) entendem que 'dar' e 'solicitar' são os principais tipos de funções da fala, que atuam de forma dialética, uma vez que "dar implica receber e pedir implica dar em resposta". Esses significados de funções de fala, segundo Fairclough (2003, p. 105), estão relacionados à troca de conhecimento e de atividades que, de modo relativamente estável, atuam por meio de atos de fala, ou seja, por meio de gêneros textuais. Como explicam Fuzer e Cabral (2014, p. 104), há dois tipos de valores que podem ser trocados na interação do sistema do MODO: i) informações, em que a oração assume a forma de uma proposição ou ii) bens e serviços, quando a oração não pode ser negada ou afirmada, sendo chamada de proposta. No texto em análise, aparecem apenas trocas de informações, ou seja, é solicitado à audiência que conheça o que é enunciado.

Como é no sistema de MODO que é desempenhada a **metafunção interpessoal**, no estudo dos componentes léxico-gramaticais deste artigo destacam-se: os modos oracionais, os componentes interpessoais da oração, a polaridade, a modalidade (modalização

e modulação) e os recursos linguísticos da interpessoalidade, explicitados com exemplos a partir do artigo de opinião em análise. Segundo Thompson (2014, p. 48), existem três modos oracionais básicos de fala: o interrogativo, o declarativo e o imperativo. Assim, no **modo oracional** interrogativo, costuma haver perguntas e ofertas (*Como poderia ficar incomodada por uma criança atingida pela síndrome de Asperger, uma perturbação do espectro autista?*); no modo declarativo, declarações (*Faço o que posso.*) e no imperativo, comandos e solicitações, que não aparecem no texto em análise.

No sistema do MODO, como explica Thompson (2014, p. 61), destacam-se dois componentes: Modo e Resíduo. O **Modo** é composto por Sujeito e Finito. O Sujeito “é a entidade em que alguma coisa é predicada no resto da oração” (THOMPSON, p. 54). Já o Finito, de acordo com Thompson (p. 55) é usado para “orientar o ouvinte em relação ao tipo de validade reivindicada, relacionando-a à realidade do aqui e agora do evento discursivo ou para a atitude do orador em relação à proposição ou à proposta”. O **Resíduo**, segundo Eggins (2004, p. 155), “é a parte da oração que é, de alguma maneira, menos essencial para a arguição”. Como neste artigo não me detenho à análise do Resíduo, indico Halliday e Matthiessen (2014, p. 153) para detalhes dessa parte da oração.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 144) explicam que a **polaridade** “é a escolha entre positivo e negativo”, atuando no Finito oracional. Refere-se a sentenças afirmativas ou negativas no âmbito da forma verbal. Como exemplo do texto em análise, podemos citar: *faria ainda mais para contribuir com o planeta* (polaridade positiva) e *o seu rosto não revela nenhuma empatia* (polaridade negativa). Ainda em relação à polaridade, há certa gradação (níveis intermediários), desde o mais positivo até o mais negativo, constituindo a modalidade, discutida e exemplificada a seguir.

A **modalidade**, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 176), é composta por “graus intermediários, entre os polos positivos e negativos”. O que o sistema da modalidade faz é construir a região da incerteza que fica entre o “sim” e o “não”, atuando, por tanto, no Finito oracional. Fuzer e Cabral (2014, p. 176) ainda

explicam que “as escolhas das modalidades nos textos podem ser vistas como parte do processo de textualização da identidade do falante/escritor”. A noção de modalidade, ainda segundo as autoras (2014, p. 114), “está relacionada à distinção entre proposições (informações) e propostas (bens e serviços), denominadas, respectivamente, modalização e modulação”.

A **modalização**, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 177), ocorre em proposições – quando há troca de informações e de conhecimentos – nas quais há dois tipos de possibilidades intermediárias: graus de probabilidade e graus de usualidade. Esses significados epistêmicos, chamados de “modalidade epistêmica”, de acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 114), são expressos, no artigo em análise, por meio de verbos modais (“pode”, “deve”) e por adjuntos modais (“sempre”, “nunca”, “às vezes”). Já a modulação, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 178), “refere-se a escalas de obrigação e de inclinação”, ocorrendo em propostas (ofertas e comandos). No texto em análise, aparecem apenas modalizações, como podemos observar em: *Energias podem ser renováveis* e *A menina Greta Thunberg sempre me irritou além da conta*.

Por fim, segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 116), “os recursos linguísticos que contribuem para explicitar a metafunção interpessoal da linguagem são: vocativos, expletivos, verbos modais, adjuntos modais, adjuntos de comentário e expressões modalizadoras”. No texto em análise, aparecem apenas adjuntos de comentário, que expressam o ponto de vista do/a falante (escritor/a), como em *na minha opinião, é de uma grande irresponsabilidade*.

Projeção analítico-discursiva do significado acional

Com base no sistema lexicogramatical do MODO, o artigo de opinião em análise apresenta apenas informações como valores trocados. A escritora, que neste caso é uma jornalista, lança proposições ao longo do seu texto, afirmando, negando ou fornecendo informações, com o intuito de convencer e de influenciar a audiência sobre os riscos de a juventude assumir o posicionamento de

Greta Thunberg em relação ao meio ambiente, tendo em vista sua condição neurodiversa (autista), o que a tornaria incapaz de argumentar por si mesma. Como função primária de fala, o/a falante (escritor/a) apresenta apenas orações como declaração (*A menina Greta Thunberg sempre me irritou além da conta...; E concluí que Greta Thunberg é uma vítima vergonhosa e covardemente manipulada*) e apenas uma oração como pergunta (*Como eu poderia ficar incomodada por uma criança atingida pela síndrome de Asperger, uma perturbação do espectro autista?*), o que nos indica sua inscrição no significado acional de uma prática social (FAIRCLOUGH, 2003) que encaminha o gênero artigo de opinião em direção a proposições textuais assertivas, não duvidosas, declarativas.

Como a arguição costuma se realizar no Modo, cabe destacar que o texto em análise coloca em primeiro plano os agentes sobre os quais a oração é predicada, ora identificando Greta Thunberg, ora a pessoa eu do discurso (escritora), ora os pais e as autoridades (médicos, filósofos). Esses agentes e o Finito são marcados, principalmente, no Presente do Indicativo (61%, 29 das 48 orações descritas), orientando o/a leitor/a à realidade do aqui e do agora, do que está acontecendo devido a fatos do presente, o “que confere uma permanência” (MAGALHÃES, 2019) ao significado acional como momento da prática social (FAIRCLOUGH, 2003), uma vez que relacionam e identificam os agentes e o tempo sobre as informações que são declaradas. Desse modo, na oração *Greta Thunberg é manipulável*, por exemplo, o Complemento “manipulável” recai sobre o Sujeito Greta Thunberg por meio de um Finito no Presente do Indicativo, cujo predicador é o verbo “ser”, ao passo que na oração *De maneira sintética destaco apenas algumas frases na imprensa francesa*, o Complemento “algumas frases” e o Adjunto de lugar “na imprensa francesa” estão relacionados ao Sujeito elíptico *eu*, acompanhado de um Finito no Pretérito Perfeito do Indicativo, por meio do predicador “destacar”.

Em relação à polaridade, há a prevalência de sentenças afirmativas no âmbito da forma verbal. Das 48 orações analisadas, 40 possuem polaridade positiva, representando 83% das orações, ao

passo que 8 apresentam polaridade negativa, o que corresponde a 17% das orações. A prevalência de orações positivas, como podemos observar em *Os filósofos Pascal Bruckner e Michel Onfray, entre outros, apontam as contradições deste fenômeno* e em *Os adultos são ainda mais responsáveis por ele*, explicitadas, principalmente, em um Finito com o Presente e o com Pretérito Perfeito do Indicativo, respectivamente, em consonância com a declaração como função de fala, apresenta escolhas da escritora (jornalista) de maneira mais decisiva e resoluta.

Por fim, sobre a modalidade, que de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 176) é composta por “graus intermediários, entre os polos positivos e negativos”, atuando, por tanto, no Finito oracional, suas escolhas no texto “podem ser vistas como parte do processo de textualização da identidade do falante/escritor” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 116). Como já mencionado, no texto em análise há apenas proposições, quando há troca de informações e de conhecimentos, no qual aparecem 10 orações com graus de usualidade (“sempre”, “às vezes”, “nunca”) e verbos modais (“poder” e “dever”). Com a descrição do sistema de MODO, foi possível observar que o grau de usualidade “sempre” apresenta 20% (2 ocorrências) do total da prevalência da modalização, ao passo que “nunca”, 10% (1 ocorrência) e, “às vezes”, 10% (1 ocorrência). Em contrapartida, os verbos modais aparecem na proporção de 40% (4 ocorrências) em relação ao verbo “poder”, e 20% (2 ocorrências) com o verbo “dever”. São exemplos de modalizações apresentadas no texto: *A menina Greta Thunberg sempre me irritou além da conta e nunca soube porquê; Como eu poderia ficar incomodada por uma criança atingida pela síndrome de Asperger, uma perturbação do espectro autista?*

Ao escolher graus de usualidade e verbos modais para a troca de informações e de conhecimento, são utilizados significados relacionados à identidade da escritora para expressar tanto frequência quanto probabilidade, permeando, conseqüentemente, significados acionais e identificacionais (FAIRCLOUGH, 2003), dado o caráter dialético do discurso como momento da prática social, o

que influencia a troca interpessoal do capacitismo estrutural com a audiência. Por conseguinte, a irritação que Greta Thunberg provocou na escritora (*A menina Greta Thunberg sempre me irritou além da conta e nunca soube porquê*) está relacionada ao alto grau de usualidade que advém do termo “sempre”, ao passo que “nunca” carrega o significado de um contínuo mais próximo da polaridade negativa, revelando “o comprometimento do(a) falante ou do(a) escritor(a) com suas proposições” (FAIRCLOUGH, 2001 [1992], p. 200). Cabe ainda destacar que, com os verbos modais “poder” e “dever”, significados interpessoais relacionados à possibilidade, marcados em Finitos no Futuro do Pretérito (“poderia” e “ficaria”), há a intensificação da textualização da identidade e do comprometimento da escritora com a probabilidade.

A metafunção textual em significados identificacionais

A metafunção textual, segundo Thompson (2014, p. 145), consiste em identificar como “falantes [escritores/as] constroem suas mensagens de forma a ajustá-las no desenrolar do evento comunicativo (que pode ser uma conversa ou um artigo de jornal, por exemplo)”, organizando, de forma coerente, os significados experienciais e interpessoais. Essa organização refere-se ao significado identificacional, que apresenta modos relativamente estáveis do ser por meio de estilos que, de acordo com Fairclough (2003, p. 159), são “aspectos discursivos de formas do ser”, constituindo identidades. Para que haja essa organização coerente, Halliday e Matthiessen (2014, p. 89) explicam que o **Tema** “é o elemento que serve de ponte de partida da mensagem; localizando e orientando a oração dentro de seu contexto”, ao passo que o **Rema** é “o restante da mensagem, a parte na qual o Tema é desenvolvido”. Como explicam Halliday e Matthiessen (2014, p. 97), o Tema pode ser não marcado ou marcado. O Tema **não marcado** refere-se ao posicionamento do sujeito em uma oração declarativa, já o **Tema marcado** não se refere ao sujeito da oração declarativa.

O Tema pode ser classificado em três tipos (**tópico, interpessoal e textual**), uma vez que, como apontam Fuzer e Cabral (2014, p. 137), “podem estar em posição de temática na oração elementos das três metafunções da linguagem: experiencial, interpessoal e textual”. Como explica Eggins (2004, p. 301), “quando um elemento da sentença ao qual uma função de transitividade pode ser atribuída ocorre em primeira posição em uma oração, nós a descrevemos como um Tema tópico”. No entanto, Eggins (2004, p. 302) pontua, “quando um constituinte ao qual atribuiríamos um rótulo de Modo [...] ocorre no início de uma oração, chamamos de Tema interpessoal”, podendo aparecer como elementos interrogativos e com as quatro categorias de Adjuntos Modais: Modo, Vocativo, Polaridade e Comentário. Por fim, em relação à posição temática da metafunção textual, Eggins (2004, p. 305) explica que sua ocorrência se dedica “ao importante trabalho de coesão ao relacionar a oração ao seu contexto”. Podemos observar a descrição desses tipos de Tema na oração a seguir: *Porém*, (Tema textual) *principalmente*, (Tema interpessoal) *virou um estandarte da extrema esquerda anticapitalista e outros radicais* (Rema).

Fuzer e Cabral (2014, p. 142) ainda explicam que o “uso de um ou outro padrão [temático] revela se uma sequência de orações descreve, narra ou argumenta”, podendo revelar também propósitos e atitudes do/a falante (escritor/a). Esses padrões ou sequências de Temas ideacionais não marcados, segundo as autoras (2014), referem-se à **progressão temática** que, no texto em análise, destaca-se em dois tipos: Padrão com Tema constante e Padrão linear. No **Padrão com Tema constante**, “o Tema tópico se mantém o mesmo ao longo de uma sequência de orações” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 142), podendo ser retomado por pronomes, sinônimos, repetição ou por elipse. Já no **Padrão linear**, as autoras (2014, p. 143) explicam que “um elemento introduzido no Rema de uma oração torna-se o Tema da oração seguinte, e assim por diante”.

Projeção analítico-discursiva do significado identificacional

O artigo de opinião em análise apresenta os três tipos de Tema (tópico, interpessoal e textual), com base no sistema léxico-gramatical de Tema, com o intuito de construir mensagens e de organizar, de forma coerente, os significados experienciais e interpessoais. De acordo com a descrição do sistema de Tema, há maior prevalência do Tema tópico (64%, em 47 ocorrências), seguida do Tema textual (32%, em 23 ocorrências) e do Tema interpessoal (4%, em 3 ocorrências). Essa prevalência do Tema tópico coincide com um dos participantes do sistema da Transitividade e com o Sujeito do sistema de MODO, como em: *A menina Greta Thunberg sempre me irritou além da conta*, cujo Tema tópico (Greta Thunberg) corresponde ao participante Fenômeno, do Processo Mental emotivo no sistema da Transitividade, e ao Sujeito no sistema de MODO.

Essa relação entre o Tema tópico e um participante do sistema da Transitividade e o Sujeito do sistema MODO ocorre na maioria das orações (87%, ou seja, em 42 ocorrências das 48 orações descritas), revelando-nos forte incidência do Tema não marcado. Ou seja, apenas em 13% (6 ocorrências) das orações o Tema tópico marcado não coincide com o Sujeito do sistema de MODO, como em: *antes de nós acharmos que tudo é maravilhoso*, cuja Circunstância de tempo do sistema da Transitividade (antes de) é descrita como Adjunto de tempo no sistema de MODO. Dessa forma, a proeminência informacional do Tema tópico marcado revela que o evento social (FAIRCLOUGH, 2003) em análise dá preferência a participantes que coincidem com o Sujeito do sistema de MODO, o que “geralmente corresponde ao que pode ser considerado (o que não significa que realmente seja) ‘informação dada’, isto é, informação já conhecida ou estabelecida para os produtores e intérpretes do texto” (FAIRCLOUGH, 2001 [1992]).

Cabe ainda destacar que das 48 orações descritas, apenas uma não apresenta o Tema tópico: *Porém, principalmente, virou um estandarte da extrema esquerda anticapitalista e outros radicais*.

Nessa oração, “Porém” assume a posição de Tema textual, estabelecendo coesão ao contexto situado, e o Adjunto de comentário (admissão) do sistema lexicogramatical do MODO “principalmente” refere-se ao Tema interpessoal, expressando o ponto de vista da escritora. Esse posicionamento temático é usado como estratégia de colocar em primeiro plano o que a escritora (a jornalista) havia relatado antes, por meio do Tema textual “Porém”, ao escrever que *Thunberg tornou-se um caso (inatacável) de trancinhas teleguiadas, marketing climático de muito dinheiro e interesse por trás*, além de marcar a racionalidade do comentário de admissão da escritora, ilustração de sua inscrição ideológica capacitista que entende pessoas autistas como “teleguiadas”, não tendo o direito de liderar outras pessoas e, inclusive, de serem protagonistas de suas ações.

Em relação à progressão temática, o texto em análise apresenta Tema constante, sendo retomado por eclipse (*Não que eu seja contra questões climáticas. Muito ao contrário, defendo a sua importância*), por pronome (*Descobri, na verdade, não é ela que me irrita*) ou por sinônimo (*Greta é manipulável [...] Sem ter consciência disto, esta menina, sacrificada, perde irremediavelmente os seus*). Além desse tipo de progressão, também aparece o Padrão linear, uma vez que o Tema da oração seguinte foi introduzido pelo Rema da oração anterior, como em: *os próprios pais tornaram pública a sua perturbação neurológica – o que, na minha opinião é de uma grande irresponsabilidade*. Cabe destacar que essas progressões temáticas, além de facilitar a coesão do texto (*Greta = esta menina*), permitem que a escritora do artigo de opinião em análise avalie (*é de uma grande irresponsabilidade*) o Tema proveniente do Rema da oração anterior (*tornaram pública a sua perturbação neurológica*). Em outras palavras, no Padrão linear exemplificado anteriormente, a escritora migra de um Rema capacitista (*tornaram pública a sua perturbação neurológica*) para um Tema (*o que*) que projeta informação nova também capacitista (*é de uma grande irresponsabilidade*), colaborando com uma ordem de discurso agenciadora de estruturas sociais (FAIRCLOUGH, 2003) excludentes.

Considerações Finais

Neste artigo, foram apresentados encaminhamentos em ADC e em LSF para a análise linguística, social e crítica do modo como o capacitismo tem sido usado como estratégia de não-ratificação de pessoas autistas, com o intuito de atender a projetos de poder a favor da manutenção do capitalismo. Após explicitar uma conjuntura social de ofensas à ativista Greta Thunberg, pelo fato de ela ser autista, líder, adolescente e mulher, neste artigo dediquei-me a realizar descrição lexicogramatical dos sistemas da Transitividade, de MODO e de Tema, à luz da LSF, de um artigo de opinião publicado em 31 de agosto de 2019 pelo jornal *Estadão*, cujo título é "As trancinhas teleguiadas do 'produto' Greta Thunberg", a fim de investigar significados representacionais, acionais e identificacionais como momento de uma prática social que se aproveita de uma deficiência (autismo) para empreender projeto de silenciamento da liderança de uma pessoa autista, dando continuidade à manutenção de estruturas sociais capacitistas e opressoras.

Portanto, por meio da metafunção ideacional em significados representacionais, foi possível observar a prevalência de Processos Relacionais, que decodificam significados do ser, com o objetivo de relacionar a identidade de Greta Thunberg a participantes desse sistema (Atributos) que expressam qualidades e características, tais como "manipulável", "estandarte da extrema esquerda". A escolha desses participantes (Atributos) nos revela a inscrição subjetiva da escritora em um gênero discursivo (artigo de opinião) que, ratificado pela rede de governança institucional (o jornal *Estadão*), atribui e relaciona, preferencialmente, características e qualidades capacitistas a Portadores/as desse processo da Transitividade. Esse tipo de relação promove uma configuração capacitista que, além de consolidar a ideia de que não devemos levar a sério o que pessoas autistas falam, reconhece que o autismo tem sido colocado a serviço do anticapitalismo pela extrema esquerda. Por conseguinte, por meio da escolha de Processos Relacionais, o

evento social analisado torna-se parte do campo social que entende que pessoas autistas são incapazes, podendo ser usadas como peças de manobra para atender a grupos não favoráveis com o desenvolvimento econômico.

Sobre a metafunção interpessoal em significados acionais, o artigo de opinião orienta o/a leitor/a à realidade do aqui e do agora, do que está acontecendo devido a fatos do presente, conferindo um tom de permanência ao momento da prática social analisada, relacionando e identificando os agentes e o tempo sobre informações como valores trocados em declarações. Apesar de que a polaridade com maior incidência no texto analisado é a positiva que, utilizando de declarações como função de fala, apresenta escolhas da escritora (jornalista) de maneira mais decisiva e resoluta, aparecem orações com polaridade negativa, que tem como objetivo o controle interacional e a defesa da face da escritora. Cabe ainda destacar que no evento social analisado, há modalizações com graus de usualidade (“sempre”, “às vezes” e “nunca”) e com verbos modais (“poder” e “dever”), relacionando a identidade da escritora para expressar frequência e seu comprometimento com proposições, o que influencia a troca interpessoal do capacitismo estrutural com a audiência.

Em relação à metafunção textual em significados identificacionais, que organizam de forma coerente os significados experienciais e interpessoais, há prevalência do Tema tópico, que é representado pelo primeiro elemento ideacional na oração. Além disso, há maior incidência do Tema não marcado, que se refere ao sujeito da oração declarativa, o que corresponde ao que pode ser considerado como informação já conhecida pelo/a leitor/a do texto, auxiliando no processo de consolidação de que pessoas autistas são “teleguiadas”, não tendo o direito de serem protagonistas de suas próprias ações. O texto analisado ainda apresenta progressão temática com Tema constante, retomado por elipses, por pronomes ou por sinônimos, e com Padrão linear, quando o Tema da oração seguinte é introduzido pelo Rema da oração anterior.

Essas progressões temáticas colaboram com o desencadeamento de uma ordem de discurso preconceituosa e capacitista.

Isso posto, a dominância, entendida por Van Dijk (2008, p. 88) “como uma forma de abuso de poder social, isto é, como o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns”, resulta em desigualdade social, uma vez que o evento social analisado não convoca nenhuma pessoa autista ou ambientalista para o debate. Muito pelo contrário, a modalidade de interação desse texto situado é restrita à citação – intertextualidade – de filósofos (Pascal Bruckner, Michel Onfray e Laurent Alexandre) que estão a serviço do progresso e da manutenção do capitalismo em nome da felicidade humana. Por conseguinte, a jornalista (produtora) distribui um texto, inscrito em um gênero discursivo formador de opinião, que aumenta a assimetria social e a continuidade do silenciamento de pessoas autistas, consideradas como não legítimas para representarem a luta discursiva e contra hegemônica a favor da climática planetária.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1992].
- BATISTA JR.; SATO; MELO. Introdução. *In: Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas*. Org.: J. R. L. BATISTA JR.; D. T. B. SATO; I. F. MELO. São Paulo: Parábola, 2018.
- BUTT, D.; FAHEY, R.; FEEZ, S; SPINKS, S.; YALLOP, C. **Using functional grammar: an explorer's guide**. 2nd edition. Sydney: Macquarie University, 2000.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução: S. R. Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006 [2003].

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2nd edition. London: Continuum International Publishing Group, 2004.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000 [1994].

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London/New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Org. Tradução: I. Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].

FAIRCLOUGH, N. El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales. *In: Métodos de análisis crítico del discurso*. Org.: MEYER, M; WODAK, R. Tradução: T. F. Aúz e B. Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: L. F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996 [1971].

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Coleção As Faces da Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. 4th edition, London and New York: Routledge, 2014.

LIRA, L. C. E.; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. *In: Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas*. Org.: J. R. L. Batista Júnior; D. T. B. SATO; I. F. MELO. São Paulo: Parábola, 2018.

MAGALHÃES, I. Ideologias linguísticas no estudo do discurso: educação inclusiva e questões contemporâneas. **Discurso & Sociedad**, v. 13, n. 1, Barcelona, p. 04-28, 2019.

MELO, A. G. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre**

violências contra mulheres com deficiência. 2014, 262f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. **Análise de Discurso (para a) crítica:** o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. Deslocamento forçado e permanência vigiada, território e fronteira: metáforas de espaço na representação de rua na Folha de São Paulo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 28, p. 565-596, 2020.

RIBEIRO, D. **O que é:** lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar.** 3th edition, London and New York: Routledge, 2014.

TILIO, R. “A querela dos direitos”: loucos, doentes mentais e portadores de transtornos e sofrimentos mentais. **Paldeia**, v. 17, p. 195-206, 2007.

VAN DIJK. **Discurso e poder.** Orgs.: J. Hoffnagel, K. Folcone. São Paulo, Contexto, 2008.